

# O Conceito de Phrónesis no Protréptico de Aristóteles

João Carlos Nogueira<sup>1</sup>

1. Seria inteiramente platônico o conceito de *phrónesis* do *Protréptico*? A pergunta não é retórica mas provocativa. Pretende retornar a discussão sobre o sentido de *phrónesis* nesta obra do último período de Aristóteles na Academia.

Não se trata de uma obra juvenil, como é o caso de *Eudemo* e do diálogo *Sobre a Filosofia*, mas posterior a estas e que se pode colocar entre os anos 353 e 351 a.C. É exatamente esta a opinião de Enrico Berti na introdução à tradução italiana do *Protréptico* que ele mesmo fez e dotou de notas explicativas da mais alta qualidade.<sup>2</sup>

As reflexões que aqui faço devem muito a esse notável estudioso de Aristóteles que se conta entre os maiores intérpretes do Estagirita. Sobretudo notáveis são as pesquisas que dedicou ao primeiro Aristóteles, aquele das obras perdidas, cujos fragmentos estudou com precisão e profundidade verdadeiramente magistrais. Refiro-me de modo especial à grande obra: *La Filosofia del "primo" Aristotele*, Vita e Pensiero, Milano, 1997, 59º. volume da coleção dirigida por G. Reale: "Temi metafisici e problemi del pensiero antico. Studi e testi".

A tese em vigor durante anos foi a de W. Jaeger, que no seu célebre *Aristoteles, Grundlegung einer Geschichte seiner Entwicklung*, 1923, defendia a significação puramente platônica do

---

1. Instituto de Filosofia e Departamento de Pós Graduação em Filosofia da PUC-Campinas.

2. ARISTOTELE: *Protréptico*, Esortazione Alla Filosofia, a cura di Enrico Berti, testo a fronte, UTET LIBRERIA, Torino, ottobre 2000.

conceito de *phrónesis* presente no *Protréptico*. O texto que utilizo é o da tradução espanhola de José Gaos: *Aristoteles: bases para la historia de su desarrollo intelectual*, Fondo de Cultura Económica, México 1946.

Trata-se do ideal contemplativo da escola de Platão que fazia do conhecimento da verdade suprema o fundamento da vida verdadeiramente digna do ser humano. A *phrónesis* é o conceito que permite justificar este ideal na medida em que realiza a identidade do conhecimento teórico e da vida prática.<sup>3</sup>

Como afirma excelentemente Jaeger (cito na tradução espanhola supramencionada):

La vida teórica pide una fuerte e copiosa fe en el poder del conocimiento para elevar a sus héroes más alto de lo que en otra forma tienen los hombres el privilegio de alcanzar. Partiendo de esta fe, que es totalmente distinta del orgullo intelectual del pedante, está escrito el *Protreptico* de Aristoteles. La experiencia de que esta obra da testimonio no es ningun idilio vulgar de intelectual, sino la beatitud del hombre que aprendió a ver el mundo a través de los ojos de Platón. La obra viene a ser así un manifiesto em favor de la vida platónica y de la filosofía platónica como el medio para alcanzarla.<sup>4</sup>

Segundo Jaeger no *Protréptico* domina o conceito de *phrónesis* no sentido contemplativo, baseado na metafísica e na ética de Platão para o qual ser e valor constituem uma unidade fundamental.

As partes essenciais deste conceito seriam, pois platônicas não só na linguagem como também no conteúdo.<sup>5</sup>

2. Sabe-se que hoje a posição jaegeriana deixou de ser sustentada pela maioria dos estudiosos de Aristóteles. De fato no *Protréptico* ocorre o termo *phrónesis* tanto com o significado de conhecimento teórico, como no fragmento 5, quanto com o

3. Sobre o *Protréptico* ver W. JAEGER: ARISTOTELES, cap. IV, pp. 67 e ss.

4. Op. cit., p. 99.

5. Idem, p. 103.

significado de conhecimento moral, como no fragmento 9. Vamos examinar brevemente os dois fragmentos. Diz o fragmento 5:

Todos admitiriam que a sabedoria, de outra parte, deriva do aprender e do pesquisar aquelas coisas de que a filosofia nos deu a capacidade; em vista disto como não se deveria sem hesitação filosofar? (την δε φρονεσιν απαντες αν ομολογησειαν εκ του μανθανειν γινεσθαι <και> ζητειν ων τας δυναμεις φιλισοφια περιειληφεν, ωστε πως ουκ απροφασιστως φιλοσοφητεον εστι και...)

Neste fragmento Aristóteles faz claramente equivaler os dois termos *phrónesis* e *filosofia*, esta entendida no sentido de busca da sabedoria, que visa ao *bem-viver* como caminho para a felicidade. Ora como todos desejamos ser felizes ou bem realizados em nossa vida, não há motivo para protelar a entrega ao exercício da filosofia. É preciso por-se logo neste caminho, sem contemporização.

O fragmento nº 9 assim se expressa:

Além disso há diferença entre as ciências que produzem cada uma das coisas que são vantajosas na vida e as que fazem uso delas; e há diferença entre aquelas que servem e aquelas que ordenam. Nessas últimas, pelo fato, de que são as mais aptas a ordenar reside o bem no sentido mais próprio. Se, portanto, somente a ciência que possui a retidão do juízo, que faz uso da razão e que tem por objeto o bem na sua totalidade, vale dizer, a filosofia, é capaz de usar todas as outras e de ordenar de conformidade com a natureza, deve-se em todas as hipóteses filosofar, porque somente a filosofia contém em si mesma o reto juízo e a sabedoria que ordena de modo infalível.

A sabedoria que ordena de modo infalível (την αναμρητον επι τακτικην φρονησιν εν εαυτη περιεχουσης) é exatamente a *phrónesis* no sentido da sabedoria prática que exerce a função de prescrever o bem que se deve fazer e o mal que se deve evitar na conduta. Exerce sua função prescritiva de *modo infalível*, condição que Aristóteles não lhe atribuirá mais na *Ética a Nicômaco*, onde a *phrónesis* ordena mas não de maneira infalível. Ademais está subordinada à *sophia*, a sabedoria no sentido da ciência suprema. “Um traço tipicamente aristotélico deste fragmento – precisa Berti – é a afirmação

*de que a filosofia é capaz de ordenar segundo a natureza; a natureza, portanto, acaba sendo a regra, a lei, o critério a que é preciso ater-se na tarefa de ordenar. Evidentemente a natureza é neste ponto entendida não como simples conjunto de leis físicas (no sentido moderno do termo), mas como uma ordem de tipo ético”.*

Cabe aqui ressaltar que também o acadêmico Xenócrates afirma o caráter duplo da *phrónesis*, que se apresenta ora como teórica, ora como prática. A primeira versa sobre as causas derradeiras e recebe o nome de *sophia*, a sapiência. Fica estabelecida neste passo a equivalência de *phrónesis* e *sophia*. No entanto esta identidade não vigora sempre, pois há uma *phrónesis* que não se identifica totalmente com a *sophia*. Todavia Xenócrates deixa em aberto o problema da relação entre a *phrónesis* teórica e a *phrónesis* prática.<sup>6</sup>

Sobre isto convém notar que no fragmento 27 discorrendo sobre as atividades de pensamento, ligadas ao puro conhecer que são superiores às atividades úteis, distingue o filósofo a sapiência como a mais desejável; já nas atividades de pensamento que visam às ações são desejáveis as que são conformes à sabedoria.<sup>7</sup> Cito o texto aristotélico:

Entre as atividades de pensamento as desejáveis pelo puro conhecer são superiores e mais nobres do que as úteis para outras coisas; os conhecimentos de natureza teórica são nobres por si mesmos; entre esses deve-se desejar a sapiência que é própria da inteligência, ao passo que nas atividades de pensamento que têm por fim as ações devem-se desejar as que são conformes à sabedoria (Ὡστε τῶν διανοησεῶν αἰ δι αὐτο ψιλὸν τὸ θεωρεῖν αἰρεται τιμιώτεροι καὶ κρείττους τῶν πρὸς ἄλλα χρησίων δι αὐτὰς δὲ τιμοὶ αἰ θεωραὶ καὶ αἰρετὴ ἐν ταῦταις τοῦ νοῦ ἡ σοφία διὰ δὲ πράξεις αἰ κατὰ φρονήσιν)

3. Num conjunto de fragmentos que expõem as vantagens da filosofia, Aristóteles começa, no fragmento 38, apresentando a *phrónesis* como a mais vantajosa de todas as coisas. Essa afirmação é provada por um argumento tirado da opinião comum a de que

6. Sobre isto veja-se E. Berti: La Filosofia del “primo” Aristotele, p. 421.

7. V. Protréptico, frag. 27, ed. cit.

devemos respeitar as leis porque elas são um bem que tem sua fonte na *phrónesis*. Efetivamente elas são “*uma forma de sabedoria e um discurso que procede da sabedoria*” (parte final do frag. 38).

Tanto é verdade que o povo considerava as figuras dos grandes legisladores como Sólon para Atenas, Licurgo para Esparta, como verdadeiros sábios ou modelos da verdadeira sabedoria. Com este argumento destaca-se a função prática de *phrónesis* que se manifesta no ato de ordenar o que se deve ou não fazer do ponto de vista ético-político.

O fragmento 39 confirma tal posição quando salienta que o *phrónimos* (o homem dotado de sabedoria) nos fornece a norma e o exato critério para discernir, entre os bens, o que nos incumbe escolher em vista de nossa realização. Também aqui aparece apontada a relação que deve vigorar entre o juízo moral e o conhecimento teórico, uma vez que o *phrónimos* escolhe “tendo por base sua ciência” (οσα ψαρ αν ουτος ελοιτο κατα την επιστημην αιρουμενος, ταυτεστιν αγαθα και κακα δε τα εναντια τουτοις). Temos neste texto uma tese filosófica importantíssima, a da intrínseca ligação entre metafísica e ética, o que constitui uma tese claramente aristotélica, sem deixar de ser também uma tese platônica.<sup>8</sup>

Mais uma vez a posição de Jaeger, que afirma serem totalmente platônicos essas passagens do *Protréptico*, não encontra confirmação no texto do Estagirita.

Embora Aristóteles reduza o *bios theoretikós*, a vida teórica, à dimensão essencialmente intelectual, colocando a contemplação no vértice da existência, não deixa contudo de ressaltar a relação existente entre a vida contemplativa e a ação, aquela como condição desta.

O fragmento 65 diz expressamente:

Se, portanto, o homem é um animal simples e o seu ser é ordenado segundo a razão e a inteligência, nenhuma outra é sua função senão apenas a verdade mais exata e o estar na verdade a respeito dos entes. Se, ao invés, ele é constituído de muitas faculdades, é claro que a função daquele pelo qual podem ser realizadas mais coisas é sempre a melhor destas.... Mas nenhuma função do pensamento e da parte pensante de nossa

---

8. Cf. E. BERTI: op. cit., pp. 422-423.

alma podemos afirmar que seja melhor do que a verdade. A verdade é, pois, a função própria desta parte da alma.

Na *Ética a Nicômaco* afirma-se igualmente que o objeto do intelecto humano, tanto na sua expressão teórica quanto na sua dimensão prática, é a verdade. A verdade é, pois, a tarefa e a função (εργον) do homem. Mas como é pela *phrónesis* que o homem realiza o seu *ér-gon*, assim a *phrónesis* é a virtude própria do homem, aquela que dá acesso à sua perfeição. *Phrónesis* neste contexto significa virtude (αρετη) da parte racional da alma e o vocábulo *αρετη* tem o significado de *perfeição*, seja que se refira à *phrónesis* como a virtude da parte racional, seja que se refira às virtudes particulares ou virtudes éticas que se definem como *justo meio* entre extremos viciosos.<sup>9</sup>

Sendo a *phrónesis* “a capacidade própria da parte mais importante que há em nós”, vale dizer, da razão como faculdade cognoscitiva, então a sua perfeição só pode encontrar-se na ciência. De qual ciência se trata nessa passagem? Da ciência teórica ou da ciência prática? O texto não comporta nenhuma referência a essa distinção. Mas como a *phrónesis* é identificada com a *eudaimonia*, a felicidade, e esta consiste essencialmente na contemplação, o sentido do termo aqui é o da *phrónesis* teórica ou contemplativa.

4. Há ainda, no Protréptico, um outro grupo de fragmentos, que na edição cuidada por Berti constitui o cap. XIV que se intitula: “CONFERME TRATTE DALLE OPINIONI COMUNI”, em que a noção de *phrónesis* prática é anunciada, embora aí ainda não se distinga do ponto de vista linguístico, entre sabedoria teórica ou *sophia* e sabedoria prática ou *phrónesis* propriamente dita.

Note-se que a argumentação a partir da opinião comum e autorizada (*éndoxa*) é característica do método dialético empregado por Aristóteles nas obras da maturidade, como se pode ver, por exemplo, no livro dos *Tópicos*.<sup>10</sup>

Com o fragmeno 98 começa Aristóteles a exposição de três argumentos que têm por fim apontar a excelência da *phrónesis*. Neste fragmento se afirma que ninguém escolheria viver na maior riqueza e poder concedidos ao homem mas desprovido de razão e louco

9. Cf. op. cit., p. 436.

10. Sobre esta questão veja-se E. Berti: *As Razões de Aristóteles*. Trad. Dion Davi Macedo. Ed. Loyola, S.P. 1998, cap. I, pp.18 e ss.

(ἐξεστηκώς μὲντοι τοῦ φρονεῖν καὶ μαινομένων). “*Todos fogem da demência mais do que de qualquer outra coisa. Ora, o contrário da demência é a sabedoria e dos contrários um deve ser evitado enquanto o outro deve ser desejado*”. Por conseguinte a phrónesis, a sabedoria, como contrário da demência (ἀφροσύνη) deve ser desejada acima de tudo.

O fragmento 102 contém o segundo argumento. “*Mas também o fato de que todos fogem da morte revela o desejo de aprender que é próprio da alma*”. Fugimos da morte porque esta se nos apresenta como obscura e desconhecida e naturalmente buscamos o manifesto e o cognoscível (φύσει δὲ διώκει τὸ φανερόν καὶ τὸ γνωστόν). A fuga do desconhecido é sinal de que amamos o que é cognoscível, manifesto e claro. Mas se amamos o claro e o cognoscível é porque amamos o conhecer (ψιψνωσκεῖν) e a sensatez (φρονεῖν), vale dizer, amamos a *phrónesis*.

Enfim o terceiro argumento está contido no fragmento 103. “*Além disto, como a respeito da riqueza a quantidade que os homens podem dela possuir não é a mesma em vista do viver e do viver bem, assim acontece também a respeito da sabedoria; penso não ser a mesma aquela de que precisamos em relação ao viver simplesmente e ao viver bem*”.

O filósofo faz aqui a distinção entre *viver simplesmente* (τὸ ζῆν μόνον) e *viver bem* (τὸ ζῆν καλῶς) para em seguida acentuar que também para a sabedoria é preciso distinguir entre a sabedoria necessária para o puro e simples viver e a que é necessária para se viver *bem* moralmente, como é próprio deste ser dotado de razão e liberdade que é o homem. Por isto não basta viver simplesmente, é preciso viver com empenho para adquirir a sabedoria que tem por atributo conhecer a verdade. “*Para qualquer um que pensa não dever suportar conduzir a vida de qualquer modo, é ridículo que não enfrente toda espécie de fadiga e não se esforce com todo empenho para conquistar esta sabedoria por meio da qual conhecerá a verdade*”. Anuncia-se aqui a distinção entre a *sophia* ou sapiência e a sabedoria, a *phrónesis* de que tratará o célebre livro VI da *Ética a Nicômaco*.

Chega-se assim à conclusão de que o termo *phrónesis* não pode ter o sentido exclusivo de conhecimento científico como quer a interpretação jaegeriana.

5. Ao concluir estas primeiras e breves considerações, que a recente leitura dessa obra de Aristóteles me sugeriu, gostaria de citar uma passagem com que Berti fecha o item 4 do capítulo VI de seu livro “La filosofía del primo Aristóteles”. Diz ele: “*Para cada uma dessas argumentações foram encontrados paralelos no Corpus Aristotelicum e nos diálogos de Platão; portanto, do ponto de vista filosófico elas contribuem para confirmar a impressão de continuidade entre os dois pensadores que se extrai da leitura de toda a obra. Particularmente interessante é notar como na última (i. é no Protréptico) Aristóteles distingue explicitamente dois tipos de φρονεσις, uma necessária para viver, a outra necessária para viver bem e identifique esta última com a que conhece a verdade, vale dizer, a teoria. Segundo E. Kapp aqui se anuncia já a distinção que a Ética Nicomaquéia exprimirá mediante a diferenciação de σοφία e φρονεσις, mas a mudança de significado de φρονεσις não está ainda completa*”. Mas a distinção entre phrónesis teórica e phrónesis prática já está implicada em todo o discurso do *Protréptico*.

Temos, portanto, diante de nós uma obra que testemunha a presença forte de um pensador, que estava a meio caminho da sua posição filosófica madura, e que nesta época já desenvolvia, com perícia de mestre, uma vasta e rigorosa concepção a respeito do mundo.

Que no *Protréptico* sejam encontradas marcas de platonismo não é de se admirar, uma vez que o seu autor assume o ideal de vida da Academia do qual essa obra constitui um verdadeiro manifesto. Mas concluir daqui que estamos diante de um Aristóteles platonizante o passo é muito grande e não corresponde à trajetória do pensamento do Estagirita. Ao contrário o que temos em mãos nessa pequena mas preciosa obra é uma antecipação marcante do seu pensamento do período da plena maturidade.

De fato contém ela as teses centrais da física, da metafísica e da ética, como a concepção teleológica da natureza, a teoria do ato e da potência, a analogia da noção de ser e a famosa tese exposta no livro X da *Ética a Nicômaco* onde Aristóteles identifica a *eudaimonia*, a vida plenamente realizada, com o *bíos theoretikós*, a vida que se desdobra como contemplação e busca da verdade.<sup>11</sup> Uma obra, em

11. Ver *Protréptico*, Introdução, p. XXXVIII.



suma, que serve de veículo privilegiado ao conceito clássico de filosofia como investigação em torno dos princípios supremos do real. Esse conceito assinala o caminho da história da filosofia no Ocidente e está no centro da noção de civilização como civilização da razão com todas as suas conseqüências do ponto de vista ético, político e social.

## BIBLIOGRAFIA

ARISTÓTELES. *Protreptico: esortazione alla filosofia*. Testo greco a fronte, trad. e note a cura de Enrico Berti. Torino: UTET libreria, 2000.

\_\_\_\_\_. *Etica Nicomachea*. Testo greco a fronte, Intr, trad., note e apparati di Claudio Mazzarelli. Milano: Bompiani, 2000.

BERTI, E. *La filosofia del "primo" Aristotele*, 2ª ed., Milano: Vita e Pensiero, 1997.

JAEGER, W. *Aristoteles: bases para la historia de su desarrollo intelectual*. Trad. José Gaos. México, Fondo de Cultura Económica, 1946. (*Aristoteles: Grundlegung einer Geschichte seiner Entwicklung*, Berlin, 1923).

ROSS, W.D. *Aristotelis Fragmenta Selecta*, Oxford: Oxford University Press, 1988.